

**Representações das redes sociais: formação do professor-sujeito na malha da educação contemporânea**

*Representations of social networks: formation of the teacher-subject in the fabric of contemporary education*

Maria de Lourdes Soares Ornellas  
**Universidade do Estado da Bahia (UNEB)**  
Salvador/BA-Brasil  
Antonio Geraldo da Silva Sá Barreto  
**Universidade do Estado da Bahia (UNEB)**  
Alagoinhas/BA-Brasil

**Resumo**

Este artigo propõe-se a desvelar a imbricação entre formação do professor-sujeito e suas representações dos (im)passes à imersão nas redes sociais na educação contemporânea. Assim, o objetivo assenta-se em apreender representações sobre redes sociais, com base nas abordagens processual e dialógica da teoria moscoviana, representadas por Jodelet (2001), Marková (2006) e Ornellas (2012). A trilha metodológica caminha em direção à pesquisa qualitativa, cujos achados são fruto da aplicação de conversação a dezesseis sujeitos, na tessitura de uma universidade pública situada em Salvador-BA. O exame das falas versou pela análise de discurso de vertente brasileira e francesa. A investigação aponta que a formação do professor-sujeito ancora-se em representações de acesso, conhecimento, reinvenção, fluidez e adição, representações apreendidas em que o não-familiar fez-se familiar.

**Palavras-chave:** Representações sociais; Professor-sujeito; Redes sociais.

**Abstract**

This article aims to develop the overlap between the formation of the teacher-subject and his representations of (im)passes to immersion in social networks in contemporary education. Thus, the objective is based on apprehending representations about social networks, based on procedural and dialogical approaches of Moscovician theory, represented by Jodelet (2001), Marková (2006) and Ornellas (2012). The methodological trail moves towards the qualitative research, whose findings are the result of the application of the conversation with sixteen study subjects, in the texture of a public university in Salvador-BA. The examination of the speeches had based on the discourse analysis of Brazilian and French trend, The investigation pointed out that the formation of the teacher-subject is anchored itself in representations of access, knowledge, reinvention, fluidity and addition, apprehended representations in which the unfamiliar became familiar.

**Keywords:** Social representations; Teacher-subject; Social networks.

## **1. Introdução**

Nesta folha despida, tecemos letras escritas e inscritas no balanço das redes, para registrar a constituição da formação do professor-sujeito, destinada a mais de UM. Trata-se de tema fundante na perspectiva de forjar-se, enquanto força motriz para contribuir na apreensão dos (im)passes dos aparatos eletrônicos digitais na constituição professor-sujeito, no sentido de não apenas reconhecer o avanço das redes sociais, mas também, indagar de que modo as redes estão afetando o laço social na educação contemporânea e que redes sustentam subjetivamente o professor-sujeito? Esse estudo, portanto, funda-se no desejo de engendrar a formação do professor-sujeito de maneira que conhecimento e saber estejam amalgamados na matriz das suas representações dos passes e impasses, frente à ocupação das redes sociais na educação contemporânea.

Cumprе ressaltar que, além do simples engajamento de pessoas em uma interface, a partir de um dispositivo tecnológico digital, entendemos as redes sociais, em alusão à “[...] imagem de um entrelaçamento, de um imbricamento, com o qual diferentes pontos se cruzam formando conexões, interligadas de forma dinâmica” (Ornellas; Bendicho, 2014, v. 2, p. 15), ou seja, mais do que um enredamento casual, trata-se de vinculação, ainda que fluida, tecida por fios (in)visíveis de desejos, percepções de mundo, interesses e modos de vida em comum.

É notório que alguns professores apropriaram-se das tecnologias digitais, outros estão em vias de o fazerem, ao passo que os alunos, seduzidos por esses aparatos, já não se interessam com aquilo que acontece na sala de aula, porque a esvaziam, permanecendo nas bordas do espaço da escola, quando se alimentam e bebem das redes dispostas no cardápio dos dispositivos tecnológicos digitais, dormem nelas e acordam no balanço do que viveram e sentiram; comem e gozam desse prazer de dedilhar, de escutar, de escrever, responder o que lhes asseguram um lugar de sujeitos capturados pela tela azul. Trata-se de uma tela líquida, ao mesmo tempo em que informa, o faz liquefeito de letras, discursos, imagens.

Diante disso, é possível inferir a pertinência da teoria das representações sociais na investigação desse fenômeno em razão de que, segundo Moscovici (1978), constituem-se em três dimensões: a informação, organização dos conhecimentos que o grupo possui, a respeito de determinado objeto social; o campo, imagem que o grupo social constrói do objeto,

modelo social referente aos aspectos da representação do objeto, e; a atitude, tomada de posição diante do objeto que reflete-se na adoção de práticas sociais.

Nesse sentido, o presente escrito apresenta corolários sobre as redes sociais e seu enlace à formação de professor-sujeito e, portanto, as letras, aqui deitadas, figuram centelhas de representações para que sejam escutadas, lidas, analisadas e seus (des)alinhos ajustados na aposta do apreender representações sobre redes sociais, a partir de possíveis ancoragens e objetivações, mediante conversação tecida com professores.

## **2. Redes sociais e o professor-sujeito na era virtual**

Em termos de manejo com as redes sociais, não temos dúvidas de que o professor-sujeito, no processo de ensinar e aprender, desvela brechas do seu *savoir-faire tecné<sup>i</sup>*, algo que lhe escapa e que pode apontar articulações importantes na educação contemporânea, reveladores de trocas, interações no vai-e-vem das redes sociais. Esse professor-sujeito mostra na fala ser o Sujeito suposto Saber (SsS)<sup>ii</sup> e tem clareza da sua fragilidade com os moneios das redes, a cada dia sendo armado(a) nos tornos imaginários de salas, corredores e pátio, dentre outros espaços escolares, ao que expressam, em certa medida, as representações do aluno frente a esse lugar e posição, perguntando-se: quem é esse aluno-sujeito que, marcado pelo não saber conceptual dos componentes da matriz curricular, exhibe um saber das ferramentas e dos aplicativos das redes sociais e, num dado instante, ocupa o lugar de discursividade e centralidade na sala de aula?

Ao buscarmos uma aproximação do conceito de professor-sujeito, memoramos Mussalin (2004, p. 134), que sinaliza sujeito como aquele “[...] essencialmente heterogêneo, clivado, dividido”, portanto, aqui nos remetemos ao conceito de professor-sujeito enquanto ser que, envolvido no processo de ensinar e de aprender reconhece sua condição cingida e inconclusa em constante (re)construção, sujeito marcado pela falta e por movimento de aproximação e distanciamento inalcançáveis. É um sujeito que se constitui pela fala e pela falta e que percebe que não são suas apenas, mas do social. Simultaneamente é livre, é submisso, se assujeita ao outro. Sua marca singular é a incompletude de ser desejanter.

Além disso, faz-se necessário lembrar ao leitor sobre o conceito de redes sociais, definidas como plataformas, cujo objetivo é conectar pessoas e compartilhar informações, tanto de caráter pessoal, quanto profissional ou comercial. Elas se materializam na forma de sites e aplicativos, reunindo usuários que pactuam dos mesmos valores e interesses. Outrossim, é pertinente situar as redes sociais à feição de “[...] fenômeno complexo,

## Representações das redes sociais: formação do professor-sujeito na malha da educação contemporânea

dinâmico e relacional, tecido mediante uma lógica rizomática, não linear, variável e descontínua” (Ornellas; Bendicho, 2014, p. 16). Assim, as redes sociais configuram-se em trama de fios que se (des)enovelam, por constituírem-se em espaços de compartilhamento de informações, mas principalmente de interações intersubjetivas.

As redes mais utilizadas são assim nomeadas: *WhatsApp*, *Instagram*, *Twitter*, *Youtube*, *Facebook* e *TikTok*. Assim posto, é imprescindível apresentá-las, de modo sucinto, para que o leitor, além do uso pragmático, aproprie-se da origem e historicidade para conhecer os limites e as possibilidades que medeiam cada uma delas.

Em 2009, surgiu o **WhatsApp**, expressão em inglês *What's up*, que na tradução para o português significa: o que está acontecendo? Aplicativo gratuito, rede social popular entre os brasileiros que se transformou na maior comunidade virtual mundial. As possibilidades mais prementes do *WhatsApp* orbitam em torno da interação e comunicação instantânea. Entretanto, estudos vêm mostrando limites nesse aplicativo, gestando no usuário o isolamento, a intoxicação eletrônica, a adicção, dentre outras.

Outra rede bem operada socialmente, desde 2010, é o **Instagram**. *Insta* vem de *Instant Camera* que significa câmara instantânea e *Gram* foi espelhado de *telegram*, ou seja, telegrama. É uma rede social, essencialmente visual, em que o usuário posta fotos e vídeos de curta duração, possibilita publicações pessoais e comerciais. Os limites que permeiam essa rede social é a cultura narcísica das postagens de fotos em que perpassa, no olhar do seguidor, a ilusão de beleza e felicidade, o que pode causar sofrimento psíquico nos sujeitos, desprovidos da consciência de classe e dos processos psicossociais, uma vez que o sujeito é constituído pela falta e incompletude. Desse modo, tece-se uma trama que superpõe ao social e oprime o sujeito ancorado atrás das telas, de sorte que é prudente que a formação do professor-sujeito, ao abordar as questões inerentes ao uso das redes sociais na educação, desvele aspectos referentes aos fenômenos psicossociais e processos emancipatórios.

Apresentamos ao leitor, também, a rede social chamada de **Youtube**, (2005) cuja nomeação deriva do inglês *You* (você) e *tube* (canal). Refere-se ao site de compartilhamento de vídeos enviados pelos usuários através da internet. É considerado o segundo site mais acessado do mundo, pois constitui-se em meio de entretenimento, diversão, informação, aprendizagem, educação, trocas teóricas, dentre outros, sendo bastante utilizado para relações de trabalho, negócios, propaganda e atividades acadêmicas.

Uma outra mídia é o **Facebook** (2004). Esse termo mostra dois significantes: *face* (que significa *cara* em português) e *book* (que significa *livro*). Sendo assim, a tradução literal de Facebook pode ser “livro de caras”, em que os usuários criam perfis que contêm fotos e listas de interesses pessoais, com a possibilidade de trocas de mensagens privadas e públicas entre si, entre participantes de grupos e amigos. Na atualidade, é uma rede social bem acessada por usuários mais maduros, porém perdeu seu lugar e/ou título de rede social mais pujante.

Emergiu, em 2014, a mídia **TikTok**, uma rede social para crianças e jovens, ainda com o nome *Musical.ly*. O *TikTok* permite o usuário gravar vídeos curtos, em geral, fazem desafios, com dublagens, coreografias, clips, cenas de humor e sátiras que instigam o usuário a participar da brincadeira, tais funcionalidades, possivelmente, respondem pelo seu crescimento vertiginoso em vários mercados mundiais.

Lançado em 2006, o **Twitter** é nomeado por uma palavra inglesa *tweet* que significa “pio de passarinhos”, simbolizando os vários *pios*, ou seja, pequenas mensagens que se acumulam na *timeline* do *twitter*. Assim, seu principal objetivo é o compartilhamento, as trocas de informações, promovendo serviços de micro blog para comunicação em tempo real. O seu investimento na criação de comunidades, possivelmente, seja a causa da rede ter desencadeado hordas agressivas, reprodução de discursos odiados, publicações que fomentam a segregação de raça, etnia, gênero e cultura, sendo considerada a rede social mais tóxica da internet.

Portanto, precisamos enaltecer a era virtual, na medida em que este tempo transformou o modo do sujeito relacionar-se, em razão dela ter efeito discursivo de simbolizarmos nossa vida cotidiana. Nessa seara, Ornellas (2015, p. 57) pondera que “[...] as redes sociais tem funcionado com o grande lago em que o sujeito cultiva uma imagem idealizada de si mesmo”, promovendo, por assim dizer, a fuga de si ao partir ao encontro de um outro que, também, mostra-se idealizado.

Outrossim, o acesso à informação e ao entretenimento possibilitam estudos e pesquisas nos campos do conhecimento, com vistas a uma educação cuja interação parece ser ferramenta que faz laço e encontro social. Possibilita, também, avanços em relação às trocas no mercado de negócios, haja vista configurarem-se em canais potenciais de relacionamento com os clientes, pois a comunicação ganha mais força considerando a velocidade pela qual as informações chegam ao usuário. Outrossim, o apanhado dessas redes remete-se à indagação: para avançar no seu processo formativo de professor-sujeito, em que

## *Representações das redes sociais: formação do professor-sujeito na malha da educação contemporânea*

estilo a seleção pode ser feita entre estas redes sociais às quais podem contribuir no seu *savoir-faire*?

Diante dessas ponderações sobre as redes sociais, percebe-se, em certa medida, uma ambivalência no que concerne as suas implicações, considerada as representações que o professor-sujeito constitui e sua formação na malha das redes sociais, de sorte que emerge a necessidade de pontuarmos alguns aspectos conceituais das representações sociais.

### **3. Representações sociais e o (a)postar das redes**

Ao inaugurar a teoria das representações sociais, Moscovici (1978) desvela que essas são construídas, a partir da percepção que um grupo social possui sobre determinado objeto, com base nas experiências que teve com ele e nas experiências compartilhadas por outras pessoas do grupo de modo que, um sujeito, um lugar e um fenômeno da vida social, podem tornar-se objeto de representações sociais. Em outras palavras, a Teoria postula que o senso comum produz um conhecimento, a partir de informações socializadas por um grupo, portanto “[...] trata-se de um conhecimento outro, diferente da ciência, mas que é adaptado à ação sobre o mundo e mesmo corroborado por ela” (Jodelet, 2001, p. 29).

No que concerne às representações sociais, Ornellas (2012, v. 15, p. 122) pontua que “[...] o fenômeno é passível de observação e de identificação, por outro, o conceito, pela sua complexidade, escapa e requer um tempo de maturação para que a definição seja construída de modo consistente”. Desse modo, o(a) pesquisador(a) dedica-se à investigação do fenômeno social e, à medida em que as representações emergem, aproxima-se de seu conceito.

As representações sociais emergem nas práticas cotidianas, ao passo em que os sujeitos, em grupo, elaboram-nas para explicar e justificar os fenômenos sociais. Nesse sentido, Foucault (2007, p. 487) destaca que:

[...] o homem, para as ciências humanas é ser vivo que, no interior da vida à qual pertence inteiramente e pela qual é atravessado em todo o seu ser, constitui representações graças às quais ele vive e a partir das quais detém esta estranha capacidade de poder representar justamente a vida (Foucault, 2007, p. 487).

Portanto, percebe-se que a construção de representações pelo homem e pela mulher lhe conferem a condição humana e assim, advém a relevância de estudos que buscam apreender as representações sociais. Infere-se, portanto, o relevo em voltar-se à apreensão

de representações sobre redes sociais, em virtude dessas terem se tornado espaço de um novo modo de vida, em que os sujeitos pensam adquirir um certo *status* de notoriedade ao postar sua discursividade.

Em adição, Donato e Ens (2009) afirmam que a teoria das representações sociais possibilita ao pesquisador escutar e interpretar os discursos e os fenômenos constituintes da prática social, oriundos da relação que os sujeitos estabelecem entre si e com os objetos. Constata-se, assim, a marca dialógica das representações sociais pois, estruturam-se, sutilmente, nas relações tecidas em sociedade, ao ressaltar que os discursos das representações, não apenas exprimem relações sociais, mas contribuem para constituí-las.

Assim, a dialogicidade figura-se em elemento basilar das representações sociais, pois essa, “[...] é construída e compartilhada socialmente sobre coisas, pessoas e objetos. No cotidiano, o sujeito constrói de forma individual e coletiva imagens e conceitos que são próprios de cada um e ao mesmo tempo compartilháveis” (Ornellas, 2012, p. 33). Essa assertiva manifesta que representações sociais emergem nas práticas cotidianas, visto que os sujeitos, em grupo, as elaboram para explicar e justificar os fenômenos sociais.

Destarte Moscovici (1978, p. 50) sinaliza que, “[...] a finalidade de todas as representações é tornar familiar algo não-familiar”, e ressalta que, esse passe instaura-se, a partir de duas dinâmicas: a ancoragem que se constitui em “[...] processo que transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso sistema particular de categorias e o compara com um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada” e a objetivação que “[...] transforma algo abstrato em algo quase concreto, transferir o que está na mente em algo que exista no mundo físico” (Moscovici, 1978, p. 61).

Por conseguinte, o relevo das representações sociais, no que concerne às práticas sociais, desvela-se uma vez que contribuem e influenciam a construção da própria realidade e sustentam as práticas sociais. Desse modo, convidamos Abric (2000) que identifica quatro funções essenciais das representações sociais:

Função de saber: nos permite compreender a realidade, facilitando a comunicação; “definem o quadro de referência comum que permite as trocas sociais, a transmissão e a difusão do saber ‘ingênuo’”; Função identitária: possibilita a proteção da especificidade dos grupos, definindo a identidade e exercendo papel de suma importância no controle social; Função de orientação: direciona os comportamentos, as práticas sociais, adequando-os às várias situações. Opera como seleção e filtro de informações; Função justificadora: possibilita, posteriormente, explicar e justificar as condutas e tomadas de decisão dos atores (Abric, 2000, p. 28).

## *Representações das redes sociais: formação do professor-sujeito na malha da educação contemporânea*

Assim, consideradas as funções supracitadas, as representações reverberam no comportamento dos sujeitos, suas atitudes e modos de agir, portanto, além de serem responsáveis por dar sentido à realidade social, as representações produzem identidades, organizam as comunicações e orientam condutas.

A teoria das representações sociais possui cinco abordagens complementares. De acordo com Sá (1998), a abordagem processual volta-se à apreensão das representações; a abordagem estrutural concebe a representação constituída por dois sistemas: o *central*, dificilmente modificado e vinculado à significação atribuída ao objeto; e o *periférico* mais aberto às mudanças, relacionado ao contexto de criação das representações. Já, a abordagem societal concebe que, a um só tempo, a estrutura das relações sociais define regras, normas ou valores que regulam no sistema cognitivo dos sujeitos e as representações organizam os processos simbólicos que intervêm nas relações sociais (Sá, 1998). A abordagem dialógica parte do princípio de que a teoria das representações sociais concebe “[...] o pensamento e a linguagem como usados no senso comum e nos discursos diários” (Marková, 2006, p. 12). Assim, esse uso específico da linguagem possibilita aos sujeitos (re)construírem simbolicamente a realidade, a qual revela significados e significantes aos fatos que circundam sua existência.

Frente ao exposto, este estudo, em grande medida, estuda e aprofunda a teoria das representações sociais ao enlaçar a abordagem processual e dialógica que, de mãos dadas, torna possível encontrar um estilo capaz de apreender as objetivações e ancoragens das representações sociais.

Deitados neste escrito, aspectos conceituais das representações sociais, sua origem e estruturação, suas funções e diferentes abordagens, vislumbra-se espaço para aproximações das representações sobre o balanço das redes sociais no que se refere à formação do professor-sujeito no cenário da educação contemporânea.

### **4. Aproximação das representações no entre-lugar das redes sociais**

Diante das formações discursivas sobre o objeto de pesquisa, no lugar e posição de escreventes, inscrevemos nestas páginas algumas propostas viáveis e (im)possíveis, inspiradas nas leituras e estudos realizados no nosso grupo de pesquisa certificado pela CNPq nomeado Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicanálise & Educação e Representações Sociais



(Geppe-rs) assentado da linha Educação, Práxis Pedagógica e Formação do Educador do Programa de Pós Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC).

Concomitante ao estudo teórico da formação do professor-sujeito no enlace das redes sociais, elegemos o campo empírico para apreendermos as representações sociais no chão da Universidade Pública, situada na cidade de Salvador-Bahia, através da fala e escuta de 16 (dezesseis) sujeitos inscritos pela ordem do desejo no estudo, após explanação do propósito, objetivos e metodologia da pesquisa, os quais, uma vez anuindo a sua participação, procederam à leitura e assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, tendo assegurado os cuidados éticos ao longo da tessitura do estudo.

Assim, o estudo teve por sujeitos pessoas de ambos os sexos, com escolaridade em nível superior, na faixa etária de 32 (trinta e dois) a 39 (trinta e nove) anos, em processo formativo nessa universidade, aos quais o dispositivo ‘Conversação’ foi aplicada, cuja consigna versou sobre: diante das intoxicações eletrônicas que atingem a humanidade, de que maneira seria possível mediar os (im)passes das redes sociais na formação do professor-sujeito na educação contemporânea nas instâncias poder instituído, escola e família?

Cumprido destacar que a ‘Conversação’ figura-se em momento de dialogicidade sobre temas no grupo, em cuja interação entre os sujeitos, efetiva-se mediante a ação de um coordenador, partindo do princípio de que conversação é:

[...] situação de associação livre, se ela é exitosa. A associação livre pode ser coletivizada na medida em que não somos donos dos significantes. Um significante chama outro significante, não sendo tão importante quem o produz em um momento dado. Se confiamos na cadeia de significantes, vários participam do mesmo. Pelo menos é a ficção da conversação: produzir - não uma enunciação coletiva - senão uma associação livre coletiva, da qual esperamos um certo efeito de saber. Quando as coisas me tocam, os significantes de outros me dão ideias, me ajudam e, finalmente, resulta - às vezes - algo novo, um ângulo novo, perspectivas inéditas (Miller, 2005, p. 15).

Desse modo, as falas dos sujeitos são construídas por meio da interação com o outro, seja para complementar, discordar; seja para concordar com a fala anterior haja vista as subjetividades, constituídas em experiências singulares, em relação naquele tempo e espaço.

Foram constituídas duas sessões de ‘Conversação’, com duração de 120 (cento e vinte) minutos. Em cada uma participaram 8 (oito) sujeitos que anuíram com a gravação de suas falas, sendo, posteriormente, degravadas quando se processou o exame advindo da análise do discurso de vertentes brasileira e francesa, à luz dos ensinamentos de Orlandi (2007) e

Pêcheux (2009), que possibilitou o emergir das unidades de análise, mediante as instâncias elencadas.

#### **4.1. Poder instituído**

Em termos de organização da educação formal, há um poder que escapa ao olhar mais descuidado, em razão de situar-se distante da escola, em termos físicos e, também, ideológicos. Tratam-se das esferas executiva, legislativa e judiciária dos entes públicos que se presentificam nas unidades escolares, via diretrizes que não dialogam com o contexto sociocultural dos sujeitos implicados no processo de ensinar e de aprender. Nessa perspectiva, no que tange às redes sociais, os participantes do estudo, conjecturaram as seguintes falas:

*- Implantar políticas que democratizem o acesso à informação, inclusão digital, devido às condições de empobrecimento da população.*

*- Promover vídeos, lives, debates, textos, na aposta de expor limites e possibilidades do uso das redes sociais para não cairmos na tentação de trocarmos o sujeito pelo objeto.*

*- Adotar medidas educativas que possam conscientizar a população sobre as investidas nomeadas de pós-verdades, as quais têm consequências danosas para a coletividade.*

As proposições apresentadas pelos sujeitos, no que tange, ao poder instituído, possivelmente enodam-se a Baptista e Jerusalinsky (2017), ao afirmarem que “[...] inovações tecnológicas sempre foram recebidas pela humanidade com um misto de fascínio e horror” (Baptista; Jerusalinsky, 2017, p. 13). Nessa seara, é possível ponderar que tais (re)ações constituem-se em modos de sedução do sujeito, imobilização de suas potências de oposição, arrebatamento do senso crítico o que lhes provoca a pontuarem a necessidade de ações do poder instituído no sentido de proverem meios que possibilitam o acesso às redes sociais, contudo em paralelo, sinalizam a pertinência de mecanismos que protejam os sujeitos de atitudes, fundadas em conhecimentos difundidos com o propósito de barrar processos emancipatórios do sujeito.

Destarte, Marques (2006) aponta que a ação do poder instituído no que concerne à inclusão digital e orientação de práticas em redes, deve fundar-se no conhecimento do contexto e da interação entre agentes, não apenas na formulação, mas também, na implementação de políticas. Portanto, iniciativas dessa natureza precisam englobar diferentes agentes, assegurando a representatividade dos múltiplos contextos brasileiros

para que os sujeitos possam balançar nas redes, tendo o cuidado para não caírem na tentação de se transformarem em adictos alienantes a essa tela brilhante que não se confunde com o ágalma<sup>iii</sup>.

#### **4.2. Instituição escola**

A escola vem constituindo-se num campo de intensões e tensões entre os desejos dos alunos em assumirem a autoria de seu processo de ensinar e de aprender e as barreiras físicas, didáticas e afetivas que a organização curricular e espacial da escola lhe impõe, denegando, muitas vezes, a contribuição de aparatos que potencializam a ressignificação do conhecimento. Diante disso, os sujeitos da pesquisa elencaram as ponderações seguintes:

*- Buscar um novo paradigma para a aplicação das redes sociais num trabalho coletivo entre os vários setores e componentes curriculares.*

*- Implantar cursos de formação para analisar as abordagens conceituais de redes sociais, de maneira dialogada e balanceada, voltada ao uso das redes em sala de aula.*

*- Planejar aulas com o objetivo de reconhecer as benesses da inovação tecnológica, ao tempo em que, se desvelem os limites que exibem a nudez ambivalente das redes.*

Diante desse corolário, denota-se que os sujeitos consideram a escola, um só tempo, espaço de ofício docente e de formação profissional, haja vista pontuarem o estudo, o planejamento e o uso das redes sociais na práxis docente. Nesse contexto, faz-se relevante destacar que a formação manifesta-se em:

Um processo complexo e multideterminado, que ganha materialidade em múltiplos espaços/atividades, não se restringindo a cursos e/ou treinamentos, e que favorece a apropriação de conhecimentos, estimula a busca de outros saberes e introduz uma fecunda inquietação contínua com o já conhecido, motivando a viver a docência em toda sua imponderabilidade, surpresa, criação e dialética com o novo (Placco; Silva, 2007, p. 26).

Desse modo, a formação situa-se profundamente difusa nos espaços de ensinar e de aprender que não se restringe a saciar o sujeito, mas a despertar-lhe um maior desejo em aprender, de sorte que o olhar e a escuta são dois atos que devem ser priorizados. O brilho do olhar não pode ser confundido com o brilho da ferramenta, pois são brilhos distintos. No brilho do olhar, pode-se perceber e sentir subjetivamente a alma humana, enquanto a segunda é desprovida dessa preciosa relação escópica.

## *Representações das redes sociais: formação do professor-sujeito na malha da educação contemporânea*

Nesse contexto, emerge o professor-sujeito, ente cujas incompletudes o inscrevem no processo de ensinar e de aprender, pois, conforme afirmam Ornellas e Bendicho (2014, v. 2, p. 102).

À condição de professor são levados os medos, angústias, dores, assim como as alegrias e satisfações, que resultam das suas vivências anteriores em sala de aula. Em consequência desse somatório de afetos é que surgirá a forma desse professor se colocar perante os alunos. Como se fosse uma balança de ambivalência de afetos a qual irá se sobrepor uma prática mais prazerosa se advirem de princípios de confiança e segurança. Do professor inseguro diante dessa exposição em sala de aula, poderão vir atitudes mais rígidas, uma menor interação com os alunos, até mesmo uma intolerância (Ornellas; Bendicho, 2014, p. 102).

Diante desse excerto, nota-se a imbricação de experiência e afetos, no ofício docente, que se desvela desafiador frente às redes sociais, considerando-se que, por vezes, o professor não tem experiência de intensa imersão nesses ambientes.

Assim posto, podemos dizer que a profissionalidade do sujeito docente constitui-se no dinamismo do processo de ensinar e de aprender “[...] pensado a partir de entrelaçamentos que o professor faz entre o seu conhecimento sobre o aluno, sobre si mesmo e sobre o conhecimento a ser explorado, incluindo também o contexto vivido por ele” (Tacca, 2008, p. 47). Constata-se assim, que conhecer determinado tema, não assegura uma sensível troca, posto que, ela somente efetiva-se ao reconhecer os agentes envolvidos no processo, seu modo de vida e enredo contextual, especialmente no que tange às redes sociais, pois, não raro, os alunos apresentam maior desenvoltura em seu manuseio e o uso que delas fazem reflete aspectos extramuros escolares que implicam em seu aprender.

### **4.3. Instituição família**

Desde muito, instaurou-se um imbróglgio no que se refere ao enlace família e escola, quer seja pela omissão de uma e imposição de compromissos à outra, quer seja pelo conflito de concepções, quanto ao sentido da educação que reside, muito além da transmissão de saberes, na constituição de subjetividades em relação. Assim, os participantes da pesquisa lançaram as seguintes proposições, em termos de contribuição da família à imersão nas redes sociais:

- *Dialogar entre os pares sobre o uso do celular num processo educativo em que o aparelho não seja extensão do próprio corpo.*

- Organizar uma agenda em que haja tempo e espaço para permanência off line, a fim de se conectar ao contexto real, para falar e escutar, segundo a ordem do desejo.

- Planejar, em casa, sessões de cinema, em que cada pessoa escolhe o filme, abre o debate e exercita a escuta sobre opiniões que se aproximam e se distanciam.

Os discursos tecidos pelos sujeitos quanto à instância instituição família remetem à uma percepção de ausência/presença daqueles que a compõem, em razão de se acharem corporeificados no ambiente com outros, entretanto, sequestrados pelas redes sociais nas quais interagem, escolha que fazem movidos pela sedução das redes no sentido da promessa de encontrarem sujeitos que comungam de suas percepções e estilo. Nesse sentido, Ornellas (2015) recorda o estranhamento do sujeito frente à angústia, solidão e abandono, imbricados na contemporaneidade, “[...] na tentativa de se ver livre dessa angústia de castração, o sujeito escapa de si mesmo e cai nas tábuas das redes sociais, talvez para encontrar o outro e dizer que existe” (Ornellas, 2015, p. 32).

Em adição Baptista e Jerusalinsky (2017) sinalizam que os pais estão sempre *online*. Em decorrência disso, o diálogo com aqueles que estão junto a eles, muitas vezes, é interrompido por uma chamada, um alerta sonoro ou luminoso de uma rede social no celular. Dessa forma, tece-se um convívio com sujeitos sempre ocupados, focados nas telas, figurando talvez uma ruptura dos laços sociais, sendo possível pensar que a *internet* transformou as formas do sujeito relacionar-se.

Outrossim, à luz dos referenciais das representações sociais, dos marcadores de redes sociais e da concepção de professor-sujeito, mediante o enlace dos discursos aqui semiotizados, é possível afirmar que as representações sobre as redes sociais se ancoram em: acesso; conhecimento, reinvenção, fluidez e adicção.

Por **acesso** entende-se desde a provisão de recursos materiais para a aquisição de dispositivos tecnológicos digitais e a disponibilização de sinal de internet, à percepção das potências das redes sociais, pois caso contrário efetivar-se-á uma imersão rasa em termos de uso das redes no processo de ensinar e de aprender, ao que o professor-sujeito sentir-se-á minado em suas proposições ao que Recuero (2009, p. 83) advoga “os atores sociais da rede é que são redes. As redes somos nós”, logo os marcadores sociais dos sujeitos implicam no acesso e na constituição das relações nas redes sociais.

Desse modo, depreende-se a segunda ancoragem, **o conhecimento**, significante cujo propósito, segundo Morin, “[...] não é o de enumerar os mandamentos [...] é sensibilizar para

## *Representações das redes sociais: formação do professor-sujeito na malha da educação contemporânea*

as enormes carências de nosso pensamento, e compreender que um pensamento mutilador conduz necessariamente a ações mutilantes” (Morin, 2007, p. 15). Assim, no contexto das redes sociais o conhecimento figura-se em horizonte que, a cada mirada, desvela-se mais além, instigando-nos a seguir em sua busca, que atravessa os processos de formação do professor-sujeito não se restringindo aos bancos da academia, mas alargando-se na sua práxis, em movimento de incessante escuta de seus furos.

A **reinvenção** pode ser entendida à feição de atitude de “[...] construir-se ressignificando as normalidades, talvez seja isso reinventar-se “de verdade”, reinventando o sentido (Oliveira; Landowski, 2022, p. 175). Nessa assertiva destaca-se o movimento de ressignificar as normalidades, ou seja, perceber-se sujeito fundado em subjetividade, que não se curva de modo tácito às normativas, mas que as transgridem, quando as percebem em hiato com aquilo que o constitui sujeito. Portanto, a reinvenção inscreve-se em ancoragem das representações sobre redes sociais, à medida em que os sujeitos implicados no processo de ensinar e de aprender percebem sua condição precária e inconclusa frente à dinamicidade de transmutação das redes sociais, evocando-lhes a se permitirem transformar em termos de conhecimento sobre as redes e atitudes, ao passo em que elas se transformam.

Portanto, as redes sociais assumem uma **fluidéz** de tal maneira que parecem escorrer por entre os dedos, escapar à visão, dada a velocidade e, por que não dizer, a ferocidade do volume de informações textuais e imagéticas compartilhadas. Nesse sentido, para além das redes sociais virtuais, ao ponderar sobre as redes reais de sujeitos, Castells (2013) afirma que a sociedade em que vivemos, denominada sociedade em rede, apresenta-se complexa, permeada por grandes inovações e virtualidades, tecnologias sensíveis e comunicações instantâneas.

Nessa seara, memoramos a ancoragem **adicção**, pois os discursos tecidos pelos sujeitos reportam-se ao distanciamento de entes dos grupos familiares por encontrarem-se capturados pelas malhas das redes sociais, o que coaduna com Andreassen *et al.* (2012) ao referir-se que a pessoa adicta às redes sociais é alguém que está excessivamente preocupado com essas, sendo acompanhado por uma forte motivação para usá-las e dedicar-lhes tanto tempo que resulta num déficit nas atividades sociais, estudos/trabalho, relações interpessoais e/ou bem-estar psicológico, apresentando inclusive afetos de desprazer quando impossibilitados de acessá-las.

Assim, é possível afirmar que a fala dos sujeitos sobre a formação de professor-sujeito no atravessamento das redes sociais, após passarem por refinamentos de análise de discurso do material discursivo da ‘Conversação’, mediadas por discursividade, sentidos, memória discursiva, linguagem, dentre outros, ancora-se em representações de *acesso, conhecimento, reinvenção, fluidez e adicção* o que revela nesta pesquisa ser a formação de professor docente marcada por essas representações psicossociais.

### **5. (In)concluindo**

O mundo virtual inseriu-se na vida cotidiana da humanidade, pois, em diversas intenções, de múltiplos modos e ampla frequência, faz parte da rotina e da agenda dos sujeitos, chegando a ser incluído nos compromissos diários, por vezes, tornando-se um ritual, cujo não cumprimento causa mal-estar, dada a relevância que lhe é atribuída.

Na atualidade, prescindir da comunicação virtual é quase impossível, ela adentra nosso endereço, transfigura-se em adereço quase indissociável da rotina de crianças, jovens, adultos e idosos, essencialmente nas instâncias educacionais. Tecem-se assim, nas redes sociais, tramas e temas pela via da tela do cristal líquido e faz-se imperativo que o professor-sujeito não se permita padecer de graves intoxicações eletrônicas, sendo passível de tornar-se adicto às redes.

Nesse sentido, o professor-sujeito na contemporaneidade transita entre as redes sociais e o nomeado mundo concreto, não raro em descompasso com os alunos. Entretanto, a aposta desse estudo desvelou uma escuta atenta e sensível em relação ao objeto, de sorte que suas formações discursivas nos possibilitam afirmar que as ancoragens representacionais – acesso, conhecimento, reinvenção, fluidez e adicção – na pesquisa apresentam a um só tempo, o conhecimento sobre o objeto social, a constituição de sua rede imagética e, inegavelmente, a instauração de atitude, reverberando na ressignificação de suas práticas.

Não podemos desconsiderar a complexidade que acontece nas formações discursivas e subjetivas que emergem no cenário das redes sociais, tampouco o fascínio que essas suscitam ao professor-sujeito, ao qual o importa, é o balanço das deambulações entre o escuro e o claro, de sorte que “O contemporâneo não é aquele que percebendo o escuro do presente, nele apreende a resoluta luz; é também aquele que, dividindo e interpolando o tempo, está à altura de transformá-lo, e de colocá-lo em relação com os outros tempos” (Agamben, 2009, p. 74). Faz-se, portanto, necessário que o professor-sujeito estabeleça laço

*Representações das redes sociais: formação do professor-sujeito na malha da educação contemporânea*

social e nas suas formas discursivas, privilegie a palavra, o que faz insistirmos na indagação: que rede social sustenta o professor-sujeito contemporâneo?

### Referências

ABRIC, Jean-Claude. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, Antonia Silva Paredes; OLIVEIRA, Denise Cristina de (org.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia: AB, 2000.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é ser contemporâneo?** E outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.

ANDREASSEN, Cecilie Schou; TORSHEIM, Torbjørn; BRUNBORG, Geir Scott; PALLESEN, Ståle. Development of a Facebook addiction scale. In: **Psychological Reports**, 2012. p. 501-517.

BAPTISTA, Angela; JERUSALINSKY, Julieta. Que rede sustenta no balanço da Web? O sujeito na era das relações virtuais. In: BAPTISTA, Angela; JERUSALINSKY, Julieta. **Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais**. Salvador: Ágalma, 2017.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, v. 1, 2013.

DONATO, Sueli Pereira; ENS, Romilda Teodora. Representações sociais do ser professor no contexto atual – desafios, incertezas e possibilidades. **Anais [...] Congresso Nacional de Educação**. 9., Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. 3., Curitiba. 2009.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Tradução: Salma Tannus Muchail. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

JODELET, Denise. Representações Sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise. (org.). **As representações sociais**. Tradução Lílian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 17-44.

MARKOVÁ, Ivana. **Dialogicidade e representações sociais: as dinâmicas da mente**. Petrópolis: Vozes, 2006.

MARQUES, Eduardo César. Redes sociais e poder no estado brasileiro: aprendizado a partir das políticas urbanas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 21, n. 60, 2006, p. 15-41.

MILLER, Jacques-Alain. **La pareja e el amor: conversaciones clinicas com Jacques Alain-Miller em Barcelona**. Buenos Aires: Paidós, 2005.

MORIN, Edgard. **Introdução ao pensamento complexo**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MUSSALIN, Fernanda. Análise do discurso. In: MUSSALIN, Fernanda.; BENTES, Anna



Christina. (orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

OLIVEIRA, Ana Claudia de; LANDOWSKI, Eric. Reinventar-se anexo a um dossiê acabado. In: **Acta Semiótica**, v. 2, n. 4, São Paulo: PUC-SP, 2022.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2007.

ORNELLAS, Maria de Lourdes Soares; BENDICHO, Maria Teresita. Escuta do professor-sujeito no campo da saúde. In: ORNELLAS, Maria de Lourdes Soares; SOUZA, Sueli Ribeiro Mota. (org.). **Entre-linhas: educação, psicanálise e subjetividade**. Salvador: EDUFBA, v. 2, 2014, p.101-114.

ORNELLAS, Maria de Lourdes Soares. Preciso ler um whatsapp agora. In: Reunião Lacanoamericana. **Anais [...]**. Montevideo, 2015.

ORNELLAS, Maria de Lourdes Soares. Representação social do aluno na sala de aula e seu estilo no ato de aprender. **Educação & Linguagem**. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo. v. 15, n. 25, 2012, p. 119-133.

PÊCHEUX, Michel. **Análise do discurso: Princípios e procedimentos**. 8. ed. Campinas, SP: Pontes, 2009.

PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza; SILVA, Sylvia Helena Souza da. A formação do professor: reflexões, desafios e perspectivas. In: BRUNO, Eliane Banini Gorgueira; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; CHRISTOV, Luíza Helena da Silva (orgs.). **O coordenador pedagógico e a formação docente**. São Paulo: Loyola, 2007.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Meridional, 2009.

SÁ, Celso Pereira de. **A construção do objeto de pesquisa em Representações Sociais**. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 1998.

SILVA, Edileide Maria Antonino da. **Amo em ti mais do que a ti: transferência de amor ao saber entre professor e aluno**. 230 f. 2017. Tese (Doutorado em Educação). Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2017.

TACCA, Maria Carmem Villela Rosa. Estratégias Pedagógicas: Conceituação e desdobramentos com o foco nas relações professor-aluno. In: TACCA, Maria Carmem Villela Rosa. (org.). **Aprendizagem e trabalho pedagógico**. Campinas: Alínea, 2008.

## Notas

- 
- <sup>i</sup> De acordo com Silva (2017) esse termo francês significa saber-fazer. Pode ser entendido como a experiência prática de um saber e, também, pode significar a habilidade de um sujeito em relacionar-se com outros através do simbólico.
- <sup>ii</sup> Para Lacan, Sujeito suposto Saber (SsS) é uma função ocupada pelo analista, sobre quem o analisante supõe um saber, mas não qualquer saber e, sim, um saber sobre o seu sintoma, sobre si. Na escola, esta função é do professor, lugar dado pelo aluno que supõe haver nele um saber (Silva, 2017).
- <sup>iii</sup> Objeto de desejo que presentificam o afeto (Ornellas, 2012)

## Sobre os autores

### **Maria de Lourdes Soares Ornellas**

Pós-Doutora pela Universidade de São Paulo. Doutora em Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestre em Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Docente da Universidade do Estado da Bahia, no Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC-UNEB) e psicanalista. Líder do Grupo de Pesquisa em Psicanálise e Educação e Representações Sociais. E-mail: ornellas1@terra.com.br. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-1171-9251>.

### **Antonio Geraldo da Silva Sá Barreto**

Doutorando em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia. Mestre em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia. Docente da Universidade do Estado da Bahia, Campus II, Alagoinhas-BA, (ColBio-UNEB) e Docente da Educação Básica na Secretaria Estadual de Educação da Bahia. Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Psicanálise, Educação e Representações Sociais. E-mail: agssab@gmail.com. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-9750-9767>.

Recebido em: 01/09/2023

Aceito para publicação em: 08/09/2023